

PICONEZ, STELA C. BERTHOLO

**ESTA IMPORTANTE PUBLICAÇÃO É
RESULTADO DE UM APROFUNDADO
ESTUDO DO AUTOR SOBRE...
[RESENHA]**

2002

REVISTA DO PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Vol. 2 – Nº 2 – 2002

ISSN 1519-9096

Semestral



UNIMARCO
editora
agosto 2002

RESENHA

WAGNER, Daniel. **Alfabetização: construir o futuro.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Brasília: SESI, 2000.

Esta importante publicação é resultado de um aprofundado estudo do autor sobre o tema e foi concebido em homenagem ao Ano Internacional da Alfabetização – 1990, marcado pela Conferência Mundial Educação para Todos, ocorrida em Jontiem, na Tailândia. Este livro apresenta a continuidade do debate que se estendeu à Conferência Internacional de Educação (Genebra, Suíça, setembro de 1990), e em muitos outros fóruns nacionais e internacionais. Foi revisto à luz das reflexões da Quinta Conferência Internacional sobre Educação de Adultos da UNESCO (CONFITEA-V), realizada em julho de 1997, na qual se reuniram mais de dois mil delegados de todo mundo, com a finalidade de examinar o futuro da educação de adultos.

O autor introduz o leitor no mundo da alfabetização, indicando-lhe as complexidades, o dinamismo e a diversidade de sua natureza, com o objetivo de refletir sobre suas articulações no âmbito sócio-cultural e econômico, entre os países em desenvolvimento e os países industrializados. Considera que em nível mundial é provável que o desejo de promover a alfabetização nunca tenha sido tão acentuado.

Este espaço é insuficiente e não faz justiça à grande quantidade de questões sobre o tema da alfabetização, levantada por esta obra. Não obstante, podemos traçar um panorama geral das principais tendências e questões, de onde demos preferência para aquelas voltadas mais para os educadores, que lingüistas, pla-

nejadores ou responsáveis pelas políticas educacionais.

Uma das principais questões tratadas, tanto de uma perspectiva histórica quanto contemporânea, refere-se às dificuldades existentes para definir o alfabetismo, tratadas nos capítulos I e II. Embora este panorama exceda os limites desta resenha, será útil destacar alguns aspectos significativos, tais como: a certeza de que a alfabetização é um fenômeno cultural praticado em situações e contextos de grande diversidade. O que a escola ensina nem sempre está relacionado com os níveis de rendimento geralmente determinados por fatores extra-escolares, mais do que fatores relacionados à formação docente e qualidade dos livros didáticos. Pesquisas atuais tendem a contradizer que o aumento dos índices de alfabetização apresenta relação direta com o crescimento econômico. Mesmo assim, torna-se cada vez mais evidente que o uso de diferentes tipos de textos em situações específicas constitui cada vez mais uma prática comum, fruto de inúmeras pesquisas contemporâneas.

Outra questão, levantada pelo autor diante das diferentes definições do alfabetismo, e que consideramos mais preocupante ainda, é a tendência de se agregar as dimensões *não cognitivas* de capacidade e conhecimento ao

termo alfabetização, o que prejudica o desenvolvimento de uma política educacional apropriada. Cabe destacar que estudos precisam ser feitos sobre a importância e os efeitos da alfabetização, portadora, sem dúvida, de benefícios individuais e sociais e, quaisquer que sejam as dificuldades científicas a resolver, já não é mais possível pôr em dúvida a importância crescente da alfabetização em um mundo cada vez mais dependente da informação e da comunicação.

Cabe indagar se a passagem de um nível mais baixo a um nível mais alto de alfabetismo pode ocasionar diferença significativa e mensurável na vida de um indivíduo. O autor analisa as relações entre as taxas de analfabetismo e as comparações ou estimativas realizadas com os indicadores de saúde ou potencialidades para o trabalho, considerando que tais relações não podem ilustrar de maneira adequada a diversidade das vidas e das misérias individuais. Acredita ser comum pessoas com *alfabetismo de baixo nível* terem dificuldades para arrumar emprego. No entanto, jovens escolarizados por maior tempo não têm necessariamente situação econômica melhor, já que, cada vez mais, não encontram trabalho ao terminar o ensino médio e até superior. Sabemos que os dados referentes

às taxas nacionais de alfabetismo são de qualidade bastante duvidosa e qualquer tipo de correlação feita é muito perigosa, apesar de ser comum entre os planejadores de programas de alfabetização e de educação em geral. Temos divulgado que a elevação de melhores níveis de alfabetismo é tarefa de gerações, apesar das retóricas sobre as campanhas e programas de alfabetização que insistem em desenvolvê-la em alguns meses. Temos certeza de que a eficácia e a adequação da alfabetização só podem ocorrer quando soubermos compreender os diferentes níveis de seu processo ao formular projetos políticos adequados.

Apesar das pesquisas demonstrarem a existência de nexo entre diferentes fatores (saúde, crescimento demográfico e produtividade econômica) e a escolarização, muito pouco se tem feito para determinar se a alfabetização é a causa direta dos progressos verificados nesses outros fatores, ou vice-versa.

No capítulo III, o autor estabelece comparações sobre a situação da alfabetização planejada e do ensino de certos conhecimentos fundamentais nas sociedades modernas, que costumam acontecer, em quatro contextos: no ensino fundamental, nas campanhas de massa, na educação básica de adultos e na educação

assistemática. É surpreendente comprovar que existem lacunas na pesquisa sobre o estudo do processo de alfabetização de adultos que sempre tiveram como parâmetro necessidades do mundo industrializado. Paulo Freire cansou de chamar a atenção para a parcela da população excluída desses parâmetros e oprimida por cobranças que nunca respeitaram suas motivações para ler ou escrever, ou, condenadas por certas *deficiências cognitivas* específicas, entendidas como fracasso escolar. Nossos estudos realizados no NEA – Núcleo de Estudos de Educação de Jovens e Adultos, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo têm demonstrado que é concentrando-se nos que “fracassam” (tanto quanto ao desempenho dos alfabetizadores como dos alfabetizandos) é que podemos compreender as diferentes nuances do processo, que introduzem, assim, intrigantes questões como aquelas relacionadas às variantes linguísticas, às questões cognitivas e da própria aprendizagem da leitura e da escrita. A competência do alfabetizador necessita de reflexões sobre a situação dos adultos analfabetos que aprendem a ler em uma segunda língua que não a língua materna. Ocorre com certa frequência o fato dos adultos não efetuarem os algoritmos de resolução de um

problema, pois entendem este não como um problema matemático e sim como um obstáculo ou dificuldade. O mesmo sentimento de aflição ocorre quando são solicitados a efetuarem uma *operação* no caderno ou ainda, que *escrevam na linha...* Segundo eles, a tarefa é muito difícil, pois compreendem ser possível escrever entre duas linhas e não em cima de uma só?! Temos constatado ainda que os próprios alunos escolhem a língua metropolitana que lhes parece relativamente mais útil, pois permite a comunicação e amizade com os colegas e tem prestígio social.

Estudos realizados com crianças generalizam o fracasso dos que não conseguem ler e escrever como problema cognitivo, sobretudo nos países industrializados, onde os níveis de exigência do alfabetismo são relativamente altos e onde os analfabetos sentem-se desmoralizados e indefesos perante o estigma do analfabetismo.

Vale a pena destacar que o desrespeito aos aspectos sócio-culturais do analfabetismo reduzem as estatísticas de participação nos programas de alfabetização e estudos feitos geralmente comprovam que mais da metade dos adultos que participam acabam abandonando os cursos an-

tes de completar as primeiras semanas. Principalmente em países em desenvolvimento, quase não se realizam avaliações diretas sobre a capacidade dos adultos (por exemplo, sobre os conhecimentos e alfabetização adquiridos fora da escola) e os parâmetros são os mesmos utilizados para crianças ou jovens que passam de oito a onze anos na educação escolar. Em nosso país, há uma tendência de avaliar a retenção do alfabetismo com os mesmos parâmetros dos programas de longo prazo da escolarização formal regular. O autor assinala que enquanto não houver uma base de pesquisa mais sólida sobre a alfabetização de adultos, não poderemos extrair conclusões dignas de confiança com respeito às políticas a seguir.

O autor conclui que construir o futuro da alfabetização é tarefa que exigirá esforço conjunto e prolongado. O debate do tema deve prosseguir não só entre os pesquisadores, mas por toda sociedade, enquanto as novas tecnologias provocam mudanças sociais até mesmo antes que os especialistas iniciem as pesquisas necessárias.

Stela C. Bertholo Piconez

Faculdade de Educação – USP